# A semântica da pós-verdade no discurso ordinário - 18/11/2023

\_Esse texto busca refletir sobre linguagem, ciência, tecnologia e mundo na  
atualidade, pelo menos em um ou outro aspecto\_  
  
Não dá para saber até que ponto uma suposta linguagem pura ou ideal foi ou é a  
base para a linguagem do dia a dia, embora a filosofia em alguns momentos  
tenha tido essa pretensão, sob forte influência da ciência. Há maneiras e  
maneiras de proceder na análise do discurso por um viés filosófico, fato  
reforçado com a virada linguística do início do século passado e que coloca em  
dúvida a posição da consciência como detentora primordial do conhecimento, em  
prol da linguagem. Essa suposta linguagem pura ou ideal é fortemente baseada  
na análise lógica e na objetividade, buscando uma comunicação límpida e  
cristalina. Porém, basta dez minutos do Programa do Ratinho para perceber o  
quanto isto é inalcançável.  
  
Claro que, sem dúvida, uma outra abordagem é aquela que busca explicitar a  
própria linguagem em seus usos. Ela usa da linguagem para explicar a  
linguagem, ela analisa as sentenças da linguagem e seus termos e variações  
buscando desvelar em qual sentido um determinado termo é usado em um contexto  
ou outro[i]. Se esse projeto de escrutínio linguístico mediante a filosofia é  
menos pretensioso ainda assim ele talvez possa estar preso a contextos  
específicos, embora pudesse até ser aplicado na própria ciência. Ora, mas por  
que a ciência novamente?  
  
Bem, desde o renascimento que nós, human@s, noss@s maiores expoentes se  
apropriaram da natureza por meio da atitude científica que descreve e  
prescreve a realidade e que tornou possível todo esse suposto progresso que  
culmina agora com as mais avançadas formas de IA (inteligência artificial,  
seja lá o que isso queira dizer). Com o predomínio científico que nos domina  
há mais de 500 anos, a ciência se estabelece como campo inabalável de  
conhecimento e como fundamento de nossas conquistas mais expressivas, tanto  
boas quanto ruins[ii]. E não nos esqueçamos que a ciência é um navio em alto  
mar sempre em reconstrução, mas com bases sólidas e que atrai todos os demais  
tipos de conhecimento para que sigam o seu método, seja a medicina,  
psicologia, biologia e filosofia.  
  
A ciência abocanha, então, natureza e humanidade em seu proceder, entretanto  
há efeitos colaterais. Uma tendência científica que atualmente estampa  
qualquer linha editorial ou publicação periódica, das mais liberais até as  
mais revolucionárias é a discussão sobre o ChatGPT, uma variação de  
inteligência artificial capaz de gerar novas informações a partir do  
“aprendizado”[iii] de toda a sua base histórica que dificilmente pode ser  
computada por um reles mortal. Isso ao mesmo tempo em que já tínhamos  
acompanhado manipulações do discurso e da verdade por grupos de pessoas e de  
empresas ao redor do globo, influenciando em eleições, prisões e demais  
sandices. Quanto temos nos deparado ultimamente com discursos mentirosos, mas  
convincentes, com negacionismos e falsa moral? Suas origens são as mais  
variadas, sejam elas políticas, religiosas e, quiçá, cientificas[iv].  
  
Além do mais, junta-se a esse panorama o grande potencial de divulgação por  
meio das jamais reguladas big techs e a ilimitada internet e temos tipos de  
discursos nada passíveis de análise linguística com base científica ou em seu  
método. E as capacidades de criação que o ChatGPT agrega para os propagadores  
de inverdades torna o círculo vicioso: mais se produz de desinformação e  
mentira, mais a IA reproduz desinformação e mentira.  
  
Isso tudo posto, chegamos à semântica da pós-verdade: uma que não permite uma  
análise lógica do discurso, pois o discurso se tornou contrafactual. Análise  
de proposições, verificacionismo, verdade e justificação racional são  
conceitos que não tomam lugar no discurso majoritário. A realidade foi  
colocada em dúvida e enunciados científicos não tem mais poder de  
persuasão[v]. Diante desse cenário só nos resta tomar o pragmatismo como  
método de menor dano. O tema já não é novo[vi], mas o que nos chama bastante a  
atenção é o quanto devemos fazer esforços em dois sentidos, pelo menos:  
primeiro tentando trazer o discurso teórico para mais perto da prática  
regular, para que ele não se torne um discurso estéril e, depois, tentando  
exercer o convencimento, tarefa tão difícil nesse momento de enorme  
polarização[vii].  
  
Já o escrutínio do discurso pode levar em consideração aspectos semânticos dos  
textos que delatem sua origem com foco, quando se atendo à formação de  
opinião, tanto na produção artificial pelo ChatGPT ou pelas fake news. O  
primeiro passo é identificar a origem do discurso para que as ações possam ser  
direcionadas: discursos mentirosos produzidos por pessoas são motivo de crime  
e o discurso gerado por IA pode ser aceito, mas deve ser informado. Por 50 mil  
anos, a linguagem tem sido a essência de nosso pensamento e base da  
comunicação humana e não podemos deixar que um tempo miserável coloque em  
xeque toda essa evolução biológica.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Não cabe aqui filiar uma teoria de análise da linguagem a um projeto  
filosófico qualquer.  
  
[ii] Esse espaço blogueiro abriga, nesse contexto, algumas abordagens em  
filosofia da tecnologia.  
  
[iii] Isto é, cálculo estatístico e probabilístico, no mais das vezes  
enviesado.  
  
[iv] Pelo menos filosóficas podemos ver aos montes por aí.  
  
[v] Caso típico o antropoceno, ver:  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2021/11/seita-do-aquecimento.html>.  
  
[vi] Alyne Costa já falava disso no Conversações há 3 anos atrás:  
<https://youtu.be/HlM5d699fYw>.  
  
[vii] A direita e a esquerda, os conflitos na Ucrânia e Gaza mostram o quanto  
os argumentos estão a mercê da empatia, isso já falava Quine. Ilustração:  
<https://youtu.be/cmizWUX\_gt0>.